

Urdimento

Revista de Estudos em Artes Cênicas

E-ISSN: 2358.6958

Prisões e Ativismo na Pandemia: Como os Sobreviventes do Encarceramento Transformam o Significado de Participação Cívica

Ashley Lucas
Alexandra Friedman
Efrén Paredes

Para citar este artigo:

LUCAS, Ashley; FRIEDMAN, Alexandra; PAREDES, Efrén. Saulo Vinicius. Prisões e Ativismo na Pandemia: Como os Sobreviventes do Encarceramento Transformam o Significado de Participação Cívica. **Urdimento**, Florianópolis, v. 3, n. 39, nov./dez. 2020.

DOI: <http://dx.doi.org/10.5965/14145731033920200104>

Prisões e Ativismo na Pandemia: Como os Sobreviventes do Encarceramento Transformam o Significado de Participação Cívica

Ashley Lucas¹, Alexandra Friedman², Efrén Paredes³,

Traduzido por Nicolás de Córdova Dorvalino e Túlio Fernandes Silveira⁴

Resumo

Em meio à pandemia de COVID-19, pessoas atualmente e anteriormente encarceradas no estado de Michigan, nos Estados Unidos, estão fazendo parceria com escritores e artistas do mundo livre para se tornarem mais visíveis neste momento de crise. Este artigo analisa três estudos de caso (o boletim MYLIFEMATTERSTOO, a série da web *Living on Loss of Privileges* e a programação por correspondência no Prison Creative Arts Project) em que pessoas na prisão e aquelas que foram recentemente libertadas estão usando sua criatividade e redes apoiantes para fazerem valer as suas vozes e direitos. Ao fazê-lo, eles insistem que são cidadãos que participam ativamente das comunidades do mundo livre.

Palavras-Chave: Prisão. Ativismo. Cidadania. Boletim informativo da prisão. Web series. Programação artística da prisão.

¹ Professora associada de Teatro e Drama do *Residential College* na Universidade de Michigan (UM). Ela é ex-diretora do *Prison Creative Arts Project* (Projeto de Artes Criativas Prisionais) e principal investigadora do *Carceral State Project*. Seu livro *Prison Theatre and the Global Crisis of Jail* (Teatro na Prisão e a Crise Global de Encarceramento) [Bloomsbury, 2020] examina as maneiras pelas quais as pessoas encarceradas usam o teatro para neutralizar as forças desumanas da prisão. Lucas também é autora de uma peça etnográfica sobre as famílias dos prisioneiros intitulada *Doin' Time: Through the Visiting Glass* (Cumprindo Pena: Através do Vidro de Visitas), que ela já apresentou como espetáculo solo nos EUA e na Irlanda, no Brasil e no Canadá. Ela dirige o *PCAP Brazil Exchange* — um programa de intercâmbio com a Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro e a Universidade do Estado de Santa Catarina — levando estudantes para o Rio e para Florianópolis todos os verões a fim de fazer trabalhos teatrais dentro de presídios, hospitais e comunidades. lucasash@umich.edu

² Assistente de pesquisa do *Carceral State Project* (Projeto Estado Carceral) da Universidade de Michigan (UM) e atualmente é produtora associada da websérie *Living on Loss of Privileges: What We Learned in Prison*. (Vivendo com a Perda de Privilégios: O que Aprendemos na Prisão?). Graduiu-se recentemente pela UM com mestrado duplo em Serviço Social e Música. Durante seus estudos, Friedman se concentrou em explorar como a música pode ser usada como ferramenta para o empoderamento e crescimento comunitário.

³ Jornalista, líder e agente de mudanças em justiça social, está preso em Michigan há 31 anos. Ele tem falado em eventos em *campi* universitários em todo o país por telefone e frequentemente aparece em TV/rádio/podcasts discutindo questões de justiça criminal, Estudos Negros e Latinos e resolução de conflitos. Seus escritos de justiça social também são destaque em vários sites e blogs. Para saber mais sobre Efrén visite <http://fb.com/Free.Efren>.

⁴ Tradução do inglês realizada por graduandos do curso de Licenciatura em Teatro da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC) e bolsistas de pesquisa do programa "Teatro e prisão: práticas de infiltração das artes cênicas em espaços de vigilância", orientado pelo Dr. Vicente Concilio, professor do Departamento de Artes Cênicas da UDESC. Revisão da tradução deste artigo realizada pelo coordenador desse projeto. Este artigo também se encontra publicado em inglês neste mesmo periódico.

Prisons and Activism in the Pandemic: How Survivors of Incarceration Shift What Civic Participation Means

Abstract

In the midst of the COVID-19 pandemic, currently and formerly incarcerated people in the state of Michigan in the United States are partnering with writers and artists in the free world to make themselves more visible in this moment of crisis. This article looks at three case studies (the MYLIFEMATTERSTOO newsletter, the *Living on Loss of Privileges* web series, and correspondence programming at the Prison Creative Arts Project) in which people in prison and those who have been recently released are using their creativity and networks of supporters to assert their voices and rights. In doing so, they insist that they are citizens actively participating in free world communities.

Keywords: Prison. Activism. Citizenship. Prison Newsletter. Web Series. Prison arts programming.

Prisiones y Activismo en la Pandemia: Cómo los Supervivientes del Encarcelamiento Cambian el Significado de la Participación Cívica

Resumen

En medio de la pandemia de COVID-19, las personas encarceladas actualmente y anteriormente en el estado de Michigan en los Estados Unidos se están asociando con escritores y artistas del mundo libre para hacerse más visibles en este momento de crisis. Este artículo analiza tres estudios de caso (el boletín MYLIFEMATTERSTOO, la serie web *Living on Loss of Privileges* y la programación por correspondencia del Prison Creative Arts Project) en los que las personas encarceladas y las que han sido liberadas recientemente están utilizando su creatividad y sus redes de simpatizantes para hacer valer sus voces y derechos. Al hacerlo, insisten en que son ciudadanos que participan activamente en comunidades del mundo libre.

Palabras clave: Prisión. Activismo. Ciudadanía. Boletín de la Prisión. Serie Web. Programación de Artes Carcelarias.

Em nenhum outro lugar a devastação do COVID-19 pode ser vista mais claramente do que dentro das prisões. As pessoas encarceradas não podem se distanciar socialmente, não possuem materiais de limpeza adequados, equipamentos de proteção individual e recebem os piores cuidados de saúde encontrados em qualquer país. Muitos dos que adoecem nas prisões dos Estados Unidos não desejam ser descobertos porque serão colocados em confinamento solitário como uma forma de quarentena. Lá, esses pacientes desafortunados são despojados de suas posses escassas — até mesmo materiais de leitura. Não lhes é oferecido nada para ajudar a ocupar suas mentes ansiosas. Eles devem lidar não apenas com a doença que pode matá-los, mas também com o acesso limitado ou inexistente a telefonemas para entes queridos no mundo livre. Como em todo o mundo, nesta pandemia de pesadelo, aqueles que morrem, morrem sozinhos sem a chance de dizer adeus a suas famílias. Os sobreviventes do COVID nas prisões eventualmente deixam a quarentena para voltar a uma vida de confinamento perpétuo. Os programas educativos e recreativos e a visitação de entes queridos permanecem indefinidamente cancelados.

Em meio a esses tempos angustiantes, ativistas atualmente e previamente encarcerados estão se engajando em formas criativas e colaborativas de resistência e clamam por mudanças sociais. Nós, autores deste artigo, somos afiliados a duas organizações alojadas na Universidade de Michigan - o *Prison Creative Arts Project* e o *Carceral State Project* - que nos permitem trabalhar em parceria significativa com escritores, artistas e artistas atualmente ou anteriormente encarcerados. Este texto se concentra em como funcionou o ativismo prisional, em ambos os lados dos muros, durante a pandemia COVID-19 e como ativistas atualmente e anteriormente encarcerados, e seus aliados, estão respondendo e se adaptando à crise atual.

Este artigo destaca três exemplos de parcerias artísticas estratégicas, envolvendo pessoas que vivenciaram ou estão vivenciando o encarceramento e aliados que não cumpriram pena. O primeiro estudo de caso examina o boletim *MYLIFEMATTERSTOO*⁵ (*MLMT*), que foi publicado em colaboração entre homens

⁵ Tradução: MINHAVIDATAMBÉMIMPORTA.

encarcerados no *Gus Harrison Correctional Facility* em Adrian, Michigan, e estudantes do ensino médio em Nannestad, Noruega. *O MLMT* tem como objetivo humanizar a experiência do encarceramento, fornecendo uma plataforma para "mostrar e provar que [a vida dos encarcerados] tem maior significado além da soma de seus erros"⁶. Em seguida, voltamos para a websérie *Living on Loss of Privileges: What We Learned in Prison*, que apresenta as histórias de pessoas previamente encarceradas que compartilham as lições que aprenderam na prisão, e agora podem ajudar o público em geral a se adaptar à vida durante a pandemia. Finalmente, discutimos como o *Prison Creative Arts Project* está adaptando sua programação durante a pandemia para manter o senso de comunidade e apoiar aqueles que estão encarcerados nas prisões de Michigan. Todos os três casos demonstram diferentes modos artísticos de ativismo que servem como plataformas para a construção de coalizões através dos muros da prisão e amplificam afirmações de pertencimento daqueles que sobreviveram ou estão suportando o encarceramento. A forma de ativismo de coalizão exemplificada em cada um desses estudos de caso demonstra não apenas como as pessoas atualmente e anteriormente encarceradas já estão fazendo um trabalho de participação cívica, mas também ultrapassa os limites do que significa a cidadania. Sugere que aqueles que participam de uma sociedade, mesmo quando foram retirados do contrato social, não só merecem os direitos plenos da cidadania, mas constituem uma parte fundamental das comunidades e das nações. Em meio à pandemia COVID-19, esses projetos ativistas colaborativos mostram como as pessoas de ambos os lados das paredes prisionais e com experiências de vida diferentes conseguem se unir, cuidar uns dos outros e buscar um futuro melhor para todos nós. Esse trabalho de união, particularmente em momentos de profunda crise, nos parece fundamentalmente necessário para os cidadãos em uma democracia saudável.

⁶ Quentin Jones. *E-mail* à Alexandra Friedman, Ann Arbor, MI, 10 de Agosto de 2020.

COVID-19 e Ativismo Prisional

A pandemia forneceu uma lente afiada e esclarecedora para exibir as injustiças sociais que permitiram que o estado carcerário florescesse em toda a sua glória maligna. A consciência das condições desumanas dentro das prisões, bem como os danos mais amplos causados pelo estado carcerário estão cada vez mais presentes na consciência do público à medida que o valor e a "justiça" do sistema carcerário criminal são fortemente questionados. Como os apelos para diminuir o financiamento e abolir a polícia continuam a ganhar força em toda a nação e no mundo, agora é um momento crítico para defender o desmantelamento dos sistemas de racismo e opressão que levaram ao encarceramento de 2,3 milhões de pessoas nos Estados Unidos.

Em conjunto com os ativistas que trouxeram revolta às ruas em todo os EUA no verão pandêmico de 2020, ativistas prisionais estão trabalhando para aproveitar a energia desta crise para profundas mudanças sociais. A pandemia revela o que sempre soubemos — que as prisões são desastres de saúde pública; que as prisões prejudicam a todos nós, incluindo aqueles que acreditam que não têm relação com o encarceramento; que as prisões e a polícia funcionam como um teatro de segurança sem nos manter seguros realmente. As pessoas estão falando abertamente em locais tradicionais sobre desarmar a polícia e, mesmo aqueles que não são ativistas experientes, finalmente querem saber o que Angela Davis quer dizer quando ela fala sobre a abolição da prisão. Uma onda de promotores progressistas que querem permitir o desencarceramento tomou posse em 2019, e muitos mais podem estar no horizonte.

O potencial para sacudir muitas das cadeias do racismo institucionalizado parece presente, embora sua realização precise de muito trabalho e muitos milagres. Os ativistas devem encontrar uma maneira de fazer mais, tirar pessoas da prisão antes que mais delas sofram de doenças e mortes, para impedir que a praga do encarceramento tire mais gerações de suas famílias e comunidades. O que quer que possa ser realizado agora não consertará o que já foi sofrido, não restaurará os anos e as vidas que foram tiradas de tantas pessoas — assim como

as vitórias do *Civil Rights Movement*⁷ não compensaram a crueldade, a morte e a devastação de Jim Crow⁸. Ativistas não podem deixar as pessoas nas prisões voltarem a ser invisibilizadas, em que grande parte do público pode ignorar as violações dos direitos humanos que ocorrem todos os dias dentro dos muros. Para realmente inaugurar uma era de mudança e desencarceramento, os ativistas de ambos os lados dos muros serão obrigados a pensar de forma inovadora sobre seu trabalho; trabalho que é exponencialmente mais difícil pela limitação dos direitos e da cidadania colocados sobre aqueles que estão dentro.

Encarceramento e Cidadania: Impactos no Ativismo e na Comunidade

As prisões sempre restringem severamente os direitos civis das pessoas aprisionadas. Também violam rotineiramente os direitos humanos e as normas básicas de saúde e segurança. Essas condições de vida e o trauma ao longo da vida que elas provocam possuem impactos significativos nos esforços dos ativistas aprisionados ou egressos do sistema. A prisão e as diversas formas de desmobilização que ela impõe sobre as pessoas restringem os direitos daqueles que estão ou já foram encarcerados de tal forma que sua cidadania é distorcida e promove a narrativa popular enganosa de que essas pessoas não fazem mais parte de uma comunidade. Isso expõe os desafios do ativismo prisional. O encarceramento silencia as vozes das pessoas dentro dos muros, limitando sua

⁷ Tradução: Movimento dos Direitos Civis; que foi um movimento social importante na década de 1960, nos Estados Unidos, no qual os negros lutaram para ter direitos iguais como cidadãos plenos dos Estados Unidos. O Dr. Martin Luther King Jr., Rosa Parks e Medgar Evers estavam entre os líderes desse movimento e incentivaram o protesto não violento entre os afro-americanos e seus apoiadores. Eles faziam coisas como sentar em seções de restaurantes e ônibus urbanos que eram reservados apenas para brancos, e eram frequentemente espancados e assassinados por seus esforços, como o Dr. Luther King e Medgar Evers. Seus esforços coletivos, ao longo de muitos anos, resultaram em mudanças nas leis dos Estados Unidos que permitiram que os negros obtivessem seu direito ao voto e frequentassem escolas públicas com brancos.

⁸ As leis de Jim Crow existiam em todos os Estados Unidos antes do Movimento dos Direitos Civis e foram elaboradas para manter a segregação entre negros e brancos. As leis de Jim Crow e a cultura racista que as acompanhava impediam os negros de manter certos empregos, beber nos mesmos bebedouros que os brancos, comer nos mesmos restaurantes que os brancos ou se casar com brancos. A era de Jim Crow surgiu após o fim da escravidão nos Estados Unidos, em 1865, e durou até que o Movimento dos Direitos Civis os encerrou, em 1968. Esse período da história dos Estados Unidos foi acompanhado pelo linchamento generalizado de negros e mexicanos. O linchamento é um assassinato público no qual uma multidão de pessoas se reúne para matar uma pessoa ou grupo de pessoas, geralmente envolvendo enforcamento, desmembramento, tortura e queima de corpos.

capacidade de compartilhar seus pensamentos com o mundo livre. Muitas pessoas encarceradas argumentam que isso as faz sentir diminuídas e até mesmo desumanizadas. Para uma pessoa encarcerada se envolver em atividades que outros fazem no mundo livre, ela deve criar uma elaborada rede de comunicação com pessoas que possam ajudá-la a compartilhar suas ideias fora das prisões. As pessoas presas também devem desenvolver formas inovadoras de se envolver com o mundo para participar de atividades cívicas, como cidadãos livres. Embora não possam superar as barreiras físicas de seu confinamento, as pessoas encarceradas usam sua imaginação e colaboram com seus aliados do mundo livre para criar maneiras de alcançar seus objetivos. Enquanto os corpos das pessoas podem ser enjaulados, suas mentes não podem, a menos que as rendam.

As pessoas encarceradas são destituídas de muitos dos direitos concedidos aos cidadãos livres, incluindo o direito de votar em todos os estados dos EUA, exceto Maine e Vermont. A perda do direito eleitoral por pessoas que já cumpriram pena funciona de forma diferente de estado a estado, mas pode resultar em uma perda vitalícia em Iowa, Kentucky e Virgínia. As pessoas aprisionadas não podem participar de protestos nas ruas, e aqueles com antecedentes criminais ou em liberdade condicional são mais propensos a sofrer severas consequências legais a longo prazo quando encontram a polícia. Em ambos os lados dos muros, aqueles que são pegos pela rede do estado carcerário frequentemente enfrentam ataques *online* e nas mídias sociais quando assinam seus nomes em declarações políticas, conversam com a mídia ou se tornam um rosto público para a causa. Aqueles já punidos pelo Estado se arriscam mais pelo ativismo do que pessoas sem vínculos com prisões.

No entanto, apesar de todos os esforços do estado carcerário para limitar a voz e o impacto daqueles que estão presos, e apesar das barreiras sistêmicas e da discriminação que estragam a vida após o encarceramento, ativistas, tanto dentro dos muros da prisão quanto fora, continuam a insistir em participar da sociedade e em afirmar seu pertencimento no mundo livre. O ativista e jornalista Efrén Paredes, que atualmente está preso em Michigan e é coautor deste artigo, escreve: "Embora as pessoas encarceradas possam estar isoladas do mundo

exterior, não precisamos nos restringir às limitações físicas impostas a nós. Podemos usar nossa imaginação para transcender barreiras e nos conectar com as pessoas que fazem parte da nossa comunidade externa para aprender uns com os outros e trocar ideias que nascem de diferentes experiências e trajetórias na vida." Paredes e muitas outras pessoas encarceradas insistem em participar no mundo fora das prisões. Seus esforços para se envolver com comunidades além das encarceradas com eles levam a uma infinidade de coalizões ativistas que cruzam os muros literais e figurativos que nos dividem. Coletivamente, os três estudos de caso de colaborações artísticas que discutimos neste capítulo — e nossa coautoria deste artigo — apresentam um caso claro de que aqueles que já cumpriram pena ou que ainda estão encarcerados devem desfrutar dos direitos como cidadãos plenos.

MYLIFEMATTERSTOO

Devido à construção opressiva do estado carcerário, o ativismo de dentro das prisões é fundamentalmente constrangido e muitas vezes perigoso. "Os presos têm à sua disposição muitos meios para resistir ao empreendimento carcerário, desde o comportamento passivo-agressivo até o uso do sistema legal... Muitos são recebidos com resistência pelos agentes penitenciários e sofrem novas sanções."⁹

⁹ Jeffrey Ian Ross. "Resisting the Carceral State: Prisoner Resistance from the Bottom Up." *Social Justice* 36, no. 3 (117) (2009): p.28-45. Acessado em: 17 ago. 2020. www.jstor.org/stable/29768547.

Figura 1 - A primeira página do boletim MYLIFEMATTERSTOO, edição do Dia das Mães, publicada em maio de 2020, descrevendo as condições dentro da instalação correcional Gus Harrison durante a pandemia

ISSUE: MOTHER'S DAY SPECIAL, MAY 2020

MYLIFEMATTERSTOO

CHANGING THE NARRATIVE OF MASS INCARCERATION



My Life Matters Too
Founder of MLMT - Quentin Jones, Michigan DOC



Artwork by Armando Fernandez, #2115156, incarcerated in the Texas Department of Corrections. He currently resides at the Alfred Hugh's Unit, 3201 FM925, Gatesville, TX 76528. Courtesy of Soul Sisters Unlocking Cell Doors.

Social Distancing and Prison

QUENTIN JONES

(April 27, 2020) Over the last eight weeks COVID-19 has rapidly spread throughout the United States infecting over 1,000,000 people and killing over 56,000. The DOC's (Department of Correction) across the country have not been spared as there have been many men and women who have contracted the virus and some have died while in custody. The individuals who oversee the MDOC are making some decisions that don't seem to be focusing on stopping the spread of COVID-19 nor protecting the lives of those of us incarcerated. Honestly, it seems like they are doing just the opposite. Currently, I'm housed at the Gus Harrison Correctional Facility in Adrian, Michigan, where up until three weeks ago there were no cases of COVID-19 in this facility. There were no known cases in this country. For some reason the MDOC thought it was wise to bring prisoners who were once positive of COVID-19 to a facility that had no cases. They placed the prisoners who are now supposedly testing negative in an isolated unit. (continued on p. 2)



My birth name is Leroy Washington and I'm incarcerated in the Michigan Dept. of Corrections. I go by my chosen given name, Saalih Siddiq, on all my work which is a part of my transformation. I have an MBA in Business Administration and am cofounder with my daughter of the Anti-Bullying Crusaders Project (ABC).

Covid-19 Under Siege

SAALIH SIDDIQ, MICHIGAN DOC

(April 28, 2020) In the 51 years of my life, I have never seen the likes of a pandemic of this magnitude. Covid-19 or C-19 as we call it, has the entire world under siege. Positive test results and the death toll are racking up numbers like a slot machine. Yet people, in our country, are still acting as if it's nothing. Early in March, I went on a medical run for an MRI. The officers' attitudes were: "It's just another influenza." One even said, "These stupid people are overreacting. The common flu killed 80k people last year in the U.S. alone." I said, to myself, "These ignorant and arrogant fools... can't they see C-19 is shutting the entire world down, killing people, and crushing economies!" We went back and forth with a little verbal sparring. When they noticed I wasn't the average dumb prisoner they were used to dealing with, the conversation became more hostile, racial and insulting. As a kid my mother taught me, "You gotta learn when to dumb down. A smart man can play dumb, but a dumb man can't play smart!" So I shut my mouth. But I couldn't help but think to myself, the only way we can catch anything is from the staff and visitors. Then it dawned upon me, it's going to be fools, like these two, that bring this killer virus into the facility. As I looked down at my chains, a harsh reality set in. As a prisoner, I know if I get sick, I ain't got nothing coming. They don't even have enough ventilators or respirators for the people in society. I'd be a fool to think they would give one to me! Man, when it hit here, some us may end up dying. Prison has has the worse health care system in the world. To be honest, I'm not as worried about myself as I am my loved ones. Men of my caliber, we love our families more than we love life itself. Truth be told, I've faced worse than C-19. I'm already doing a death sentence, and it hasn't killed me yet! So life/death has different meaning to/for me. (cont. on p. 3)

THIS ISSUE:

- COVID-19 AND PRISON
- PARENTING FROM A CELL
- MOTHER'S DAY TRIBUTES
- THOUGHTS BEYOND THE WALL
- 11 SUMMERS AT WAR
- FEEL MY PAIN
- PRISON CREATIVE ARTS PROJECT

PAGE 1

Devido às restrições e riscos que assolam o ativismo dentro das prisões, os ativistas encarcerados devem encontrar maneiras únicas de defender seus direitos e participar da sociedade para além da prisão. Um exemplo desse tipo de ativismo e participação é ilustrado no boletim *MYLIFEMATTERSTOO: Changing the Narrative of Mass Incarceration*¹⁰, que foi fundado por Quentin Jones, atualmente preso no

¹⁰ Tradução: MINHAVIDATAMBÉMIMPORTA: Mudando a Narrativa do Encarceramento em Massa.

*Gus Harrison Correctional Facility*¹¹ em Adrian, Michigan. Jones, que agora tem 40 anos, está preso há 21 anos e está cumprindo uma sentença de prisão perpétua.

O jornal *MYLIFEMATTERSTOO* (MLMT) é uma colaboração entre pessoas encarceradas em todo os Estados Unidos e estudantes da *Nannestad High School* em Nannestad, Noruega, com a missão de "trazer conscientização e mudança de dentro para fora por meio de encontros literários e sociais para uma causa comum e um bem maior"¹². Com orientação e apoio da professora de inglês Marianne Teresa Ruud, os alunos recebem cartas de pessoas encarceradas de todo os EUA e publicam suas narrativas no boletim trimestral. Essa colaboração começou inicialmente quando Jones escreveu uma carta para Carlote Loof, uma ativista holandesa que se corresponde com pessoas encarceradas nos EUA através da organização *Soul Sisters Unlocking Cell Doors*¹³. Em sua carta, Jones expressou interesse em estar conectado com um educador e trabalhar com a juventude. Loof então colocou Jones em contato com Ruud e seus alunos, que começaram a trocar cartas com ele. Esta correspondência evoluiu para vários projetos, e a *MLMT* é o mais recente fruto desta parceria transatlântica.

O boletim é publicado em formato de jornal tradicional e normalmente tem entre oito a doze páginas. Cada edição contém narrativas pessoais, poemas e obras de arte das pessoas encarceradas, bem como cartas e comentários de amigos e familiares no mundo livre. As publicações são temáticas e muitas vezes respondem aos eventos atuais. A edição de maio de 2020 continha várias narrativas sobre as angustiantes condições de vida dentro das prisões dos EUA durante a pandemia. Atualmente, o boletim alcança cerca de 500 pessoas e organizações dentro e fora das prisões nos EUA e na Noruega. No entanto, em mais uma limitação dos direitos dos encarcerados, muitas prisões, incluindo a Penitenciária Gus Harrison, não permitem que o boletim informativo seja distribuído lá dentro. Essa censura é uma barreira típica que ativistas de ambos os lados dos muros encontram ao tentar compartilhar conteúdo dentro das prisões.

¹¹ Tradução: Correccional Gus Harrison, que é uma prisão para presos adultos do sexo masculino.

¹² Jones.

¹³ Tradução: Almas Gêmeas Destrancando Celas.

Por causa dessa restrição, Jones nunca viu o resultado final da organização que ele fundou e dirige.

O MLMT é um exemplo único de como as pessoas encarceradas continuam a expressar sua cidadania e a defender seus direitos. Jones explicou que tem três objetivos principais para a *MLMT*. "Primeiro, quero mudar a narrativa sobre homens e mulheres que estão encarcerados... Segundo, eu queria dar àqueles de nós encarcerados uma plataforma para ter nossas vozes ouvidas. Por fim, esperava inspirar outros homens e mulheres que estão presas a se esforçarem para serem seres humanos melhores e não deixarem que o encarceramento os definisse." Cada um desses objetivos é uma expressão impactante da cidadania articulada através do engajamento dentro e fora da prisão, o que cria as condições necessárias para a construção da coalizão.

O MLMT serve para fortalecer comunidades dentro e fora da prisão. Para Ruud, a correspondência que ela e seus alunos tiveram ao longo dos anos serviu como uma ferramenta inestimável para o crescimento e aprendizado dentro de sua comunidade escolar. Ela explicou: "Trabalhar com quem está dentro da prisão tem sido uma das maiores ferramentas educacionais que já usei e os benefícios não podem ser medidos em qualquer tipo de forma material." Ela diz que não só seus alunos colhem benefícios educacionais tangíveis ao aprender inglês através da troca de cartas e da produção do boletim informativo, mas "isso motivou os alunos a refletir e ponderar sobre suas próprias vidas, já que as pessoas de dentro da prisão os ajudaram a colocar em palavras as emoções e os fardos que carregam"¹⁴.

Além disso, para quem está dentro da prisão e contribui para o boletim informativo, escrever oferece esperança e senso de pertencimento. Ricardo Ferrell, um prolífico escritor que também está cumprindo pena em uma prisão de Michigan, explica: "Imediatamente, depois que comecei a enviar trabalhos para publicação, comecei a receber retorno de muitas pessoas, mesmo de um lugar tão longe quanto a Noruega. Essa experiência me deu uma visão diferente, e

¹⁴ RUUD, Marianne Teresa Ruud. "MYLIFEMATTERSTOO." *E-mail*, 2020.

ampliou minha perspectiva sobre como a percepção dos outros sobre quem está na prisão pode se tornar sua própria realidade”¹⁵. Da mesma forma, Jones explicou que “o boletim impactou minha experiência de estar encarcerado, me motivando a perseguir meus sonhos de ser jornalista. A contínua divulgação do boletim me conectou com pessoas da sociedade que podem me ajudar a promover minha causa, o que, em última análise, me deu esperança de que dias melhores estão chegando”¹⁶. Essa declaração ativa de pertencimento na sociedade por meio de contribuições contínuas para diferentes comunidades ligadas em escala global é uma expressão ousada de cidadania e serve apenas como um dos exemplos das contribuições que as pessoas aprisionadas continuam a fazer, apesar das extremas limitações impostas aos seus direitos e à liberdade de expressão.

O resultado desse engajamento, a produção do boletim informativo *MLMT*, é um modelo de ativismo de construção de consenso que fornece uma plataforma tangível para aqueles que estão dentro da prisão comunicarem suas experiências, bem como humanizarem suas vozes. Ferrell explicou mais sobre sua motivação para contribuir com o boletim informativo:

Não é apenas importante, mas imperativo que as pessoas em outros países sejam informadas do sistema prisional falido de Michigan. As operações [do Departamento de Correções de Michigan] são indicativas de um sistema penal antiquado, nisso, suas práticas quando se trata de reformas e medidas de reabilitação estão ficando muito atrás de outros estados que colocaram em prática uma infinidade de programas e aulas propícias ao sucesso de um infrator durante seu encarceramento e sua posterior reintegração à sociedade... [O boletim informativo] fornece um espaço para os indivíduos encarcerados compartilharem suas histórias e permite que aqueles de dentro e de fora expressem suas opiniões, ideias, perspectivas e opiniões livremente e abertamente... Também oferece aos artistas talentosos de dentro da prisão uma plataforma para mostrar sua criatividade engenhosa.

O trabalho contínuo dos autores encarcerados da *MLMT* para expressarem sua humanidade amplia os esforços ativistas contínuos para combater os

¹⁵ Ricardo Ferrell. *E-mail* para Alexandra Friedman, Ann Arbor, MI, 10 ago. 2020.

¹⁶ Jones.

estereótipos negativos que alimentam o estado carcerário.

Vivendo com a Perda de Privilégios: O que aprendemos na prisão

Pessoas egressas da prisão não recuperam imediatamente a cidadania após terem cumprido sua pena. Isso é evidente não só pela negação de seus direitos básicos na participação cívica, mas também pelas restrições sociais impostas por meio da estigmatização maligna e da "discriminação criminal" (WACQUANT, 2010, p. 614). Como um egresso citado no livro de Joshua Price *Prisons and Social Death*¹⁷ explicou: "Nunca pense ou acredite que você já pagou sua dívida com a sociedade. Isso não existe. Você não faz mais parte da sociedade. Nunca pense que você faz parte da sociedade. Você é um banido" (PRICE, 2015, p. 115). Essas restrições manifestam-se por meio do baixo financiamento à infraestrutura de serviços sociais que auxiliam na reinserção dos egressos, bem como nas políticas legais e de trabalho discriminatórias. No entanto, apesar dessa marginalização e discriminação, as pessoas que cumpriram pena ainda continuam a afirmar sua cidadania através do desenvolvimento e participação cidadã, e assim como ativistas de dentro das prisões, elas encontram maneiras de defender criativamente seus direitos.

¹⁷ Tradução: *Prisões e a Morte Social*.

Figura 2 - Patrick Bates, produtor e apresentador do *Living on Loss of Privileges*, gravando um episódio para a série



A websérie *Living on Loss of Privileges: What We Learned in Prison*¹⁸ é um exemplo de ativismo que corresponde imaginativamente tanto à pandemia COVID-19 quanto à estigmatização social que é única às experiências de pessoas que já cumpriram pena. Este projeto é uma série de vídeo iniciada pelos artistas Patrick Bates e Cozine Welch, egressos do sistema. Bates ficou frustrado com comparações que estavam sendo feitas nas redes sociais entre a experiência do aprisionamento e das ordens de isolamento por conta do coronavírus; ele percebeu que as pessoas que sobreviveram ao encarceramento tinham informações úteis e estratégias para o confinamento duradouro e que outros poderiam se beneficiar escutando-os enquanto permanecessem em casa. Esta série de vídeos apresenta as histórias de pessoas que já foram presas compartilhando as lições que aprenderam na prisão e que agora podem ajudar aqueles no mundo livre a se adaptarem à vida durante a pandemia.

Nas prisões de Michigan, "*loss of privileges*"¹⁹, ou LOP, é uma designação ampla para uma série de punições que as pessoas encarceradas podem sofrer

¹⁸ Tradução: Perda de Privilégios: O que aprendemos na prisão.

¹⁹ Tradução: Perda de privilégios.

como resultado de uma ação disciplinar. Dependendo da gravidade do crime do qual uma pessoa é acusada, a LOP pode significar qualquer coisa, desde restrições de um tempo no pátio da prisão até uma estadia em confinamento solitário. O nome da websérie, *Living on Loss of Privileges*, captura a essência do projeto como uma forma de conscientização. Como explica o produtor e apresentador Bates, o nome contém três significados diferentes.

[A primeira é] uma reação à má conduta na prisão. O que acontece como punição por qualquer má conduta é que você pode ser colocado na solitária ou você pode ser colocado em LOP. [O segundo é o] maior significado, a perda máxima de privilégios em relação à sociedade na prisão. O terceiro significado seria a perda de privilégios do que as pessoas [no mundo livre] estão lidando agora. Perda de privilégios como não poder cortar o cabelo ou ir ao cinema. São privilégios, não direitos.²⁰

Os significados literais e metafóricos da LOP oferecem uma ponte entre aqueles que experimentaram o isolamento na prisão e aqueles no mundo livre que podem estar lutando para lidar com as limitações da pandemia. Como um esforço de conscientização que é fundamental para a construção de um consenso, a LOP permite que os narradores de cada episódio mostrem suas considerações, compaixão, sabedoria e experiência como pessoas que sobreviveram ao encarceramento.

Cada episódio desta série de vídeos curtos apresenta uma pessoa que já foi encarcerada apresentando uma estratégia para suportar ou lidar com o confinamento e o estresse elevado. Embora os narradores de *Living on LOP*²¹ possam ter motivações diferentes para participar do projeto, cada um está claramente percorrendo as barreiras e preconceitos em torno do encarceramento. O engajamento deles nesta forma de narrativa pública é uma forma corajosa e progressista de ativismo. O estado carcerário é caracterizado por controle, trauma e violência. A estrutura e o sistema punitivo, por definição, são de vergonha e

²⁰ Bates, Patrick, and Cozine Welch. Entrevistado por Ashley Lucas. Entrevista pessoal. Digital. 18 de Junho de 2020. <https://www.youtube.com/watch?v=-uEZqKs7keU>.

²¹ Tradução: Vivendo com a LOP. O termo *LOP* é a abreviação de "perda de privilégios" em inglês.

estigmatização. Em ambos os lados das paredes, a força do Estado carcerário é construída sobre uma sociedade que acredita que aqueles e aquelas que foram presos não só não têm nada para oferecer ao mundo livre, mas que causam danos. Quando pessoas que já cumpriram pena afirmam seu pleno pertencimento e cidadania na sociedade, compartilhando seus conhecimentos, habilidades e sabedoria, o Estado carcerário começa a perder o poder. Considerando esse contexto, os entrevistados que participam do *Living on LOP* estão fazendo um trabalho fundamental de ativismo prisional confrontando um sistema que desenvolveu seu controle e durabilidade perpetuando a narrativa de que aqueles que foram presos têm pouco a contribuir. Cozine Welch, que é coprodutor e narrador em um episódio do *Living on LOP*, refletiu sobre a importância de validar as experiências daqueles que sobreviveram ao encarceramento:

Vi uma oportunidade de abordar o que é um fio comum para as pessoas que estão voltando para casa, que é provar seu valor. Provar que sua história e luta têm valor inerente e qual ganho elas obtiveram disso... Foi uma grande oportunidade para mostrar à sociedade que pessoas que são normalmente consideradas como tendo menos ou nada para a contribuir para a sociedade, através de sua própria experiência de isolamento forçado na prisão, estão mostrando a genialidade em como eles passaram por isso e estão usando isso para ajudar aqueles que agora, de repente, estão experimentando a perda de privilégios.²²

Os narradores de *Living on LOP* afirmaram conscientemente sua sabedoria e experiências na intersecção das ansiedades sociais coletivas em relação à pandemia e à maior atenção dada à reforma da justiça criminal neste momento. Ao contribuir com seus conhecimentos durante um período de agitação social e vulnerabilidade, os narradores e produtores de *Living on LOP* não estão apenas abordando percepções negativas generalizadas, discriminação e estereótipos que as pessoas encarceradas ou egressas do sistema enfrentam, mas também estão contribuindo ativamente para o nosso bem-estar social coletivo. Dessa forma, *viver em LOP* serve como uma expressão clara de cidadania que cria as condições para o ativismo de construção de coalizões. Pessoas no mundo livre que nunca se

²² Patrick Bates e Cozine Welch. Entrevistado por Ashley Lucas. Entrevista pessoal. Digital. 18 de Junho de 2020. <https://www.youtube.com/watch?v=-uEZqKs7keU>.

envolveram com a reforma da justiça criminal podem se beneficiar de contribuições feitas por aqueles que já foram presos, ou seja, estereótipos podem ser desafiados e substituídos por respeito e aliança.

Programa de Correspondências do *Prison Creative Arts Project*

Durante a pandemia, o trabalho de artistas ativistas foi capaz de manter à vista do público lutas relacionadas, tanto à prisão quanto a esforços mais amplos por reforma social. Os murais de George Floyd e outras vítimas de assassinato policial surgindo em cidades ao redor do mundo nos permitem ver e não esquecer o custo da violência estatal. Atualmente, muitos artistas e organizações artísticas estão trabalhando a fim de aproveitar o poder das artes para apoiar a reforma prisional, bem como lidar com novas limitações impostas pela pandemia. Uma dessas organizações é o *Prison Creative Arts Project*²³ (*PCAP*) da Universidade de Michigan. Fundado em 1990, o *PCAP* forma estudantes e voluntários da comunidade para oferecer oficinas de teatro, artes visuais, música, escrita criativa e fotografia para jovens e adultos encarcerados. Os facilitadores²⁴ constroem um projeto artístico em sua oficina dentro da prisão, e no final do semestre realizam uma apresentação, uma pequena exposição ou a leitura do trabalho que o grupo gerou. Ao usar as artes como ponto de partida, o *PCAP* deseja abrir o diálogo intercomunidade entre grupos que muitas vezes não se comunicam entre si.

²³ Tradução: Projeto de Artes Criativas da Prisão.

²⁴ O termo “facilitador” nos Estados Unidos é utilizado para indicar pessoas não formadas em arte, mas que ministram oficinas na área artística.

Figura 3 - Johnny Trice, cumprindo prisão perpétua em Michigan, participou de uma oficina de fotografia do *PCAP* facilitada pelo professor de fotografia Isaac Wingfield e seus alunos. A obra de arte de Trice aparece atrás dele na foto. A legenda que Trice escreveu para esse autorretrato diz: "Quando cheguei à prisão, tinha sangue nas mãos, e agora tenho tinta nelas"



Ao contrário da websérie *Living on Loss of Privileges* ou do boletim informativo *MYLIFEMATTERSTOO*, que sempre foi produzido fora das prisões, o *PCAP* historicamente tem feito grande parte de seu trabalho colaborativo dentro dos muros das instalações carcerárias. Na pandemia, prisões ao redor do mundo proibiram a entrada de visitantes e voluntários, deixando pessoas encarceradas para suportar a ansiedade, a doença e a morte provocadas pela pandemia sem qualquer acesso físico às suas famílias ou a qualquer outra atividade. O *PCAP*, como muitos outros programas de artes e educação prisionais em todo o mundo, teve que reformular sua programação para poder continuar a prestar serviços a pessoas encarceradas sem enviar voluntários para as prisões. O *PCAP* revisou suas atividades para serem entregues em formato remoto e escrito, nas quais facilitadores e participantes da prisão trocam trabalhos criativos via correio.

Embora nada possa substituir a sinceridade e a solidariedade das conexões que se formam por meio de colaborações presenciais semana após semana, as pessoas aprisionadas estão encontrando no *PCAP* alguns dons inesperados na necessidade de tornar a atividade remota. Historicamente, o *PCAP* só foi capaz de oferecer programação semanal em prisões distantes a cerca de uma hora de carro do campus Ann Arbor da Universidade de Michigan. Agora, a organização tem a capacidade de alcançar pessoas em partes distantes do estado com a mesma frequência. O *PCAP* espera manter a nova programação de correspondências funcionando em prisões distantes, mesmo depois que as oficinas presenciais possam ser retomadas. No outono de 2020, pela primeira vez na história de trinta anos do *PCAP*, pessoas que já foram encarceradas, incluindo aquelas que ainda estão em liberdade condicional, puderam oferecer oficinas semanais dentro de prisões de adultos porque os facilitadores não estão entrando. Isso abre oportunidades profundas de colaboração e ajuda a construir uma rede de apoio ainda mais forte entre os participantes cumprindo pena e os anteriormente encarcerados. Os ex-alunos do *PCAP* que se mudaram de Michigan também podem ministrar as oficinas remotamente, e pela primeira vez a apresentação final das oficinas podem ser compartilhadas com um público mais amplo, fora da prisão. Os organizadores de oficinas de artes visuais e escrita criativa à distância estão planejando produzir revistas ou catálogos que possam ser impressos e enviados de volta para as prisões e também compartilhados *online*. Os participantes da oficina de teatro propõem a escrita colaborativa de roteiros e performances filmadas por facilitadores que podem ser compartilhados *online* para o público em geral e para as famílias dos participantes.

Nada pode substituir o nível de interações significativas que se desenvolvem trabalhando juntos pessoalmente, mas como tantas comunidades que sofreram encarceramento, a comunidade do *PCAP* resolveu continuar colaborando através dos muros das prisões, apesar dos desafios imprevistos e esmagadores impostos pela pandemia. A mudança da programação do *PCAP* e a determinação das pessoas aprisionadas em continuar a escrever, criar e compartilhar, e os esforços dos aliados no mundo livre para encontrar formas de colaborar e promover o

trabalho dos que estão dentro das prisões é mais um exemplo de como as pessoas encarceradas continuam a afirmar seu pertencimento fora da prisão e expressar sua cidadania através da participação da comunidade.

Construção de Coalizão e Mudança Social

Os três estudos de caso descritos neste artigo demonstram esforços extraordinários de egressos do sistema e de pessoas encarceradas, com o apoio de aliados, para continuar a afirmar seu pertencimento através de diferentes formas de construção de coalizão. Esse engajamento é uma expressão fundamental da cidadania e é essencial para o bem-estar de qualquer comunidade. Apesar das limitações extremas e desumanas que são colocadas sobre os presos, e da discriminação que as pessoas que já cumpriram pena enfrentam após voltarem para casa, aqueles que experimentaram o encarceramento continuam a se engajar ativamente e a contribuir para a sociedade. Este compromisso apresenta um caso claro de por que os indivíduos encarcerados devem desfrutar de direitos plenos como cidadãos.

Como lembra Efrén Paredes: "Todos têm a responsabilidade moral e social de fazer o que podem para ajudar a fazer a diferença na sociedade em que vivem". A cidadania, ao funcionar no seu melhor potencial, é fundamentalmente construída sobre a responsabilidade de se engajar na comunidade, e a transformação social só pode ocorrer quando as comunidades são fortificadas por meio de esforços de construção de coalizão. O ativismo é o produto da boa cidadania. Cada projeto neste capítulo exemplifica a construção da coalizão como uma forma de ativismo que é uma expressão clara da responsabilidade moral e social que define a cidadania. Para o boletim *MYLIFEMATTERSTOO*, aqueles que enviam submissões estão contribuindo para o bem-estar educacional e emocional dos alunos do *Nannestad High School*, na Noruega. Os alunos, por sua vez, criam o boletim informativo que aqueles que estão encarcerados não seriam capazes de produzir independentemente por causa dos limites extremos da prisão. O produto dessa relação de cuidado mútuo e engajamento é uma plataforma de ativismo

que tem como foco humanizar o encarceramento e chama a atenção para as injustiças do estado carcerário.

Da mesma forma, *Living on LOP* trabalha para engajar aqueles que podem não ter qualquer conhecimento ou interesse prévio em sistemas carcerários, mas podem agora, durante a crise da pandemia, se beneficiar da sabedoria daqueles que experimentaram o encarceramento. Através do exame dos desafios do isolamento e as limitações de certos privilégios que estão sendo experimentados globalmente, a conversa da reforma da justiça criminal pode ser introduzida por meio do reconhecimento das habilidades e sabedoria que aqueles que vivenciaram o encarceramento têm para oferecer à sociedade. Através da disposição dos narradores da *LOP* em compartilhar seus conhecimentos com uma comunidade ampla, eles estão expressando sua cidadania na forma de cuidado com outras pessoas que têm menos experiência com o trauma do confinamento.

Finalmente, para os facilitadores e participantes do *Prison Creative Arts Project*, o aprendizado mútuo e o crescimento que ocorrem ao longo de uma oficina são modos diretos e inestimáveis de ativismo de construção de coalizões. Através da criação compartilhada da arte, os participantes da oficina dentro e fora da prisão tornam-se parte do cotidiano uns dos outros. À medida que os alunos retornam das oficinas, eles compartilham suas experiências do *PCAP* com amigos e familiares, o que cria mais oportunidade de diálogo abordando a crueldade e os malefícios do estado carcerário. Há um crescimento da cidadania que se expande a partir de cada participante das oficinas, como aliados no mundo livre que aceitam e agem em sua responsabilidade cívica para ajudar aqueles que estão dentro das prisões, lutando para o desmantelamento do estado carcerário que causa danos a todos nós.

Apesar dos tremendos esforços daqueles que se engajam nos projetos descritos neste capítulo, cada um tem suas limitações. Há, por exemplo, enormes desigualdades entre as prisões em relação a quem pode participar das atividades e o limite de capacidade para acomodar todos que desejam participar. Isso significa que aqueles que mais precisam (ou seja, aqueles em maior isolamento e privação) muitas vezes não têm a oportunidade de compartilhar suas escritas ou

histórias ou simplesmente entrar em contato com aqueles que reconhecem, honram e apreciam sua humanidade. Além disso, esses esforços de construção de coalizão são pequenos, e muitas vezes não chegam tão longe quanto os ativistas gostariam. Por exemplo, todos os anos, desde 1995, o *PCAP* realiza sua *Annual Exhibition of Art by Michigan Prisoners*²⁵²⁶. Esta exposição é uma das maiores do gênero no mundo, tipicamente com mais de 500 obras de arte, mas muitas vezes não recebe reconhecimento além das comunidades locais da Universidade de Michigan e Ann Arbor. Muito mais recursos e tempo devem ser investidos para elevar essa programação a um ponto em que ela possa ter um impacto mais direto na política e na consciência social mais ampla. Essas lacunas no serviço e a falta de visibilidade estão entre os muitos desafios que os ativistas associados a esses programas se esforçam continuamente para enfrentar.

Apesar desses desafios, o boletim *MYLIFEMATTERSTOO*, *Living on LOP* e o *Prison Creative Arts Project* estão fazendo um trabalho essencial para dismantelar o estado carcerário. Sem programas como esses, o estado carcerário continuaria a crescer sem controle, com diárias violações sendo levadas a cabo contra os direitos humanos em prisões nos Estados Unidos, com as pessoas encarceradas sendo ainda mais marginalizadas e discriminadas. Esses esforços podem ser pequenos, mas são essenciais. À medida que ativistas de ambos os lados dos muros continuam a se engajar de todas as formas que podem, eles estão expressando sua cidadania, conquistando novos direitos, para construir lentamente uma coalizão que é essencial para efetivar uma mudança. Apesar das limitações cruéis e confinantes nos direitos cidadãos que são colocadas sobre as pessoas presas, aqueles que estão ou experimentaram o encarceramento junto com seus aliados continuam a afirmar seu pertencimento e vislumbrar um mundo de justiça mais verdadeira. Como escreve Paredes: "Temos que usar nossa genialidade para superar os desafios e barreiras que emergem e permanecem determinados a florescer. A habilidade de transcender a dificuldade está dentro

²⁵ Tradução: Exposição Anual de Arte por Prisioneiros de Michigan.

²⁶ A pandemia COVID-19 forçou o primeiro adiamento da exposição na história do *PCAP*. No momento em que este artigo foi escrito, 800 obras de arte ainda estavam armazenadas, esperando que o mundo estivesse seguro o suficiente para que a *PCAP* executasse sua 25ª exposição anual.

de cada um de nós. Como escolhemos exercer esse poder depende inteiramente de nós."

Referências

BATES; PATRICK; WELCH, Cozine. Entrevista realizada por Ashley Lucas. Entrevista pessoal. Digital. 18 jun. 2020. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=-uEZqKs7keU>>.

Felony Disenfranchisement Laws (Map). *American Civil Liberties Union*, Disponível em: <<https://www.aclu.org/issues/voting-rights/voter-restoration/felony-disenfranchisement-laws-map>>. Acesso em: 11 ago. 2020.

FERRELL, Ricardo. Email para Alexandra Friedman, Ann Arbor, Michigan, em 10 ago. 2020.

JONES, Quentin. Email para Alexandra Friedman, Ann Arbor, Michigan, em 10 ago. 2020.

PRICE, Joshua. *Prison and Social Death*. Critical Issues in Crime and Society. New Brunswick, NJ: Rutgers University Press, 2015, p. 115. Disponível em: <<https://doi-org.proxy.lib.umich.edu/10.36019/9780813565590>>. Acesso em: 15 ago. 2020.

ROSS, Jeffrey Ian. Resisting the Carceral State: Prisoner Resistance from the Bottom Up. *Social Justice*, v. 36, n. 3, p. 28-45, 2009. Disponível em: <www.jstor.org/stable/29768547>. Acesso em: 17 ago. 2020.

RUUD, Marianne Teresa. "MYLIFEMATTERSTOO." Email, 2020.

WACQUANT, Loïc. Prisoner Reentry as Myth and Ceremony. *Dialectical Anthropology*, v. 34, n. 4, p. 605-620, 2010. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/29790988>>. Acesso em: 28 ago. 2020.

Recebido em: 22/11/2020
Aprovado em: 22/11/2020

Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC
Programa de Pós-Graduação em Teatro - PPGT
Centro de Arte - CEART
Urdimento – Revista de Estudos em Artes Cênicas
Urdimento.ceart@udesc.br